

# Editorial

Em novembro de 2022, a comunidade analítica da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano no Brasil reuniu-se na cidade de Curitiba para o primeiro Encontro Nacional presencial pós-pandemia. Nossa comunidade analítica, entretanto, não havia parado — nem clínica, nem epistêmica, nem politicamente. Antes, manteve-se atenta e forte, ainda que respeitando todos os protocolos de segurança, para contribuímos com a *res publica* — a “coisa pública” —, ainda que sem descuidar da *res privata*, a “causa” de nossos analisantes. Escutamos *online*, sustentamos o desejo de analista e ousamos a clínica das urgências subjetivas. Passamos dois anos sem nos encontrarmos no mesmo espaço atmosférico, mas mantivemos nossos encontros e nosso trabalho.

Dado esse contexto histórico, não foi trivial a escolha do tema de nosso Encontro de 2022: “As paixões do ser: amor, ódio e ignorância”. Os anos pandêmicos foram, realmente, bastante passionais, em todos os sentidos que a história da palavra paixão traz em seu bojo: sofrimento, patologia ou sentimento intenso que nos acomete passivamente, sem que tenhamos reação. Do ponto de vista filosófico, o tema das paixões é amplamente debatido no campo dos afetos. Lacan, entretanto, recolhe desse vasto campo três paixões especiais, chamando-as de “paixões do ser” — ser esse, sabemos, que para a psicanálise está para sempre perdido ao falar. Ora, se não há ser, como poderiam essas paixões a ele pertencerem? Como eu mesma disse em minha conferência de abertura daquele Encontro, para a qual fui gentilmente convidada (e que agora vocês poderão ler neste número 45 de nossa revista *Stylus*): as paixões, nosso *páthos* fundamental, são o que atesta nossa passividade diante da estrutura com suas três dimensões: Real, Simbólico e Imaginário. É nas paixões que o ser perdido tenta se realizar, veiculando ao mesmo tempo o que Freud chamou de desejo indestrutível, que nos acompanha por toda a vida. Freud, aliás, já havia astutamente advertido, em outras palavras, que “o amor e o ódio se irmanam na fogueira/geleira das paixões” (“As aparências enganam”, de Tunai). Lacan, entretanto, introduzirá uma terceira paixão do ser: a ignorância, que se manifesta frequentemente por uma oposição do saber, uma espécie de “não quero saber nada disso”.

Muito embora as paixões do ser sejam incuráveis, há diversas formas possíveis de se posicionar diante delas, o que exige uma elaboração a respeito da ética das paixões. Durante os anos pandêmicos, assistimos mais uma vez a uma escalada do “discurso de ódio”, com consequências dramáticas para os laços sociais e familiares. Na mesma proporção, assistimos ao fomento da ignorância, traduzida pelo negacionismo científico — que, infelizmente, teve consequências funestas em nosso país —, e à exacerbação do discurso religioso em detrimento da edu-

cação, cultura e arte. Em que pese que a psicanálise não possa ser sobreposta aos campos da ciência e da educação, foi possível verificar e sustentar as interseções possíveis contra o retrocesso que levaria ao pior.

Este número 45 na *Stylus* testemunha os trabalhos de nossa comunidade em todos esses campos de resistência: clínica, epistêmica, política e na interlocução com a educação e as artes. Quanto ao amor, a psicanálise propõe que ele seja digno, e não servil ou idealizado, muito menos especular ou complementar. É pelo amor de transferência e pelo saber que ele sustenta que se poderão tratar, então, o ódio e a ignorância.

Vários colegas trataram em seus textos da questão do amor transferencial e seus manejos. Vera Pollo retoma a importante distinção entre transferência e repetição e a articulação entre amor, castração e inconsciente. Sandra Mara Nunes Dourado, por sua vez, traz-nos um caso clínico, para apontar a transferência como motor das voltas que o sujeito opera em sua relação com as paixões. É também do manejo do amor transferencial que Paulo Costa trata em seu texto, trazendo a perspectiva imaginária do amor a partir do esquema óptico de Lacan. Ingrid Figueiredo trata do agravamento do fenômeno psicossomático (FPS) no atravessamento da fantasia como uma possível resposta à angústia e à contingente produção de um nome próprio.

Retomando o trabalho com os conceitos, Jessica Caiado sustenta que as paixões são uma resposta à castração original, mas lembrando que o amor também pode ser dom ativo, que aponta para a marca radical da diferença. É justamente essa marca que encontramos no final de uma análise, como esclarece Marisa Costa Martinez, articulando o novo amor a um passe pelo real, mais além do narcisismo.

Essa passagem pelo real nos permite a aproximação com as artes. Jéssica Nayara Cruz Pedrosa retoma o desejo do analista como operador da clínica, articulando-o com o papel do coro e da catarse na Grécia e especialmente em *Antígona*, de Sófocles. Fabiana Rodrigues Barbosa e Ivan Estevão apontam para a articulação da leitura e da escrita em psicanálise com as questões da não-toda e da mulher. É também pela escrita de Guimarães Rosa que Maria Célia Delgado de Carvalho vai tratar os caminhos trilhados em direção ao desejo através das paixões do ser. Jessica Pingarilho Batista abre uma importante discussão sobre como a mercantilização e o consumo podem esvaziar o saber poético e a importância do resgate do sujeito do fazer poético, bem como da dimensão indizível do Real que o atravessa.

Na interlocução com os aspectos sociais e políticos, leremos textos com importantes articulações a respeito de fatos históricos recentes e discussões atuais. Hannah Raquel Borges Pimenta de Azevedo propõe um debate em torno da nomenclatura “histórica” e questiona o lugar destinado à mulher na sociedade. Maria Helena Coelho Martinho propõe uma leitura de como a narrativa fascista

na atual realidade brasileira tornou as massas hipnotizadas, cegas de ódio e saber. Joseane Garcia analisa a tragédia provocada pelas chuvas em Petrópolis, articulando com os conceitos de necropolítica de Mbembe e de ignorância estratégica de Linsey McGoey. Vanusa do Rego Barra trata de outra tragédia: o assassinato, na Amazônia, dos ativistas Dom e Bruno, que sustentavam uma prática à altura de seu tempo e lugar, relacionando essa violência com a segregação, o ódio e a ignorância. Raul Albino Pacheco Filho problematiza a uberização do psicanalista e suas consequências para a psicanálise, lembrando que o discurso do capitalista tem aversão ao amor e ao saber.

Por último, mas não menos importante, este número conta com a resenha escrita por Maria Célia Delgado de Carvalho do seminário *Os Nomes-do-Pai*, aula proferida por Lacan em 20 de novembro de 1963 na capela do Hospital Saint-Anne em Paris, que é fundamental para acompanharmos os avanços por ele realizados a partir da fundação da Escola.

Desejo a todas e todos uma excelente leitura!

Rio de Janeiro, dezembro de 2022  
Ana Laura Prates